

doclisboa 2004

II Festival Internacional de Cinema Documental de Lisboa

DOCUMENTÁRIO II EDIÇÃO

Cinema de todo o mundo chega à Culturgest no DocLisboa 2004

■ RAQUEL DIONÍSIO

Um detalhe do drama actual da vida civil no Iraque, o crescimento de uma menina cega no Alentejo e a perigosa viagem de milhares de cubanos rumo aos EUA são apenas algumas sugestões da segunda edição do Festival Internacional de Cinema Documental DocLisboa 2004.

Organizado pela Apordoc-Asociação pelo Documentário, o evento decorrerá na Culturgest, de 24 a 31 deste mês. Com cerca de 60 filmes em exibição, de manhã à noite, arranca com *The Revolution will not be Televised*, documentário que arrebatou tantos prémios como censuras, das irlandesas Kim Bartley e Donnacha O Brian, sobre o golpe de Estado contra Hugo Chávez na Venezuela, em Abril de 2002.

«Vamos apresentar aqui o que devia estar na televisão e não está», referiu em conferência de imprensa Serge Tréfaut, director do festival, junto com Nuno Sena e Ana Isabel Strindberg. É que, apesar de multipremiados no estrangeiro, quase todos os filmes apresentados são inéditos em Portugal.

As obras estão distribuídas por cinco secções: competição internacional (longas e curtas-metragens); sessões temáticas «Para onde vai o Documentário Português?», «Foco sobre Espanha» e «Como Entender o Médio Oriente?»; e sessões especiais com filmes extra-competição de realizadores consagrados – em que se inclui um *masterclass* de cinema com Nicholas Philibert, o autor do polémico filme *Ser e Ter*. De-

pois de todas as projecções, haverá debates com realizadores, produtores e críticos de cinema.

Na secção dedicada ao documentário português serão exibidos 10 filmes que, para Tréfaut, «permitem questionar como é que se fazem documentários em Portugal e o que viabiliza a sua produção».

Já «Foco sobre Espanha» mostra-nos uma selecção de filmes estreados com êxito nas salas de cinema do país vizinho, de que se destaca *Balseros*, nomeado para o Óscar de Melhor Filme Estrangeiro em 2003. Os filmes de «Como entender o Médio Oriente?» mostram «como é que as pessoas vivem mesmo lá», afirmou Tréfaut, numa relação indissociável com a conjuntura política do momento. Segundo

Nuno Sena, o festival é, aliás, «extremamente politizado, no sentido em que mostra temas de que se ocupa a realidade jornalística na actualidade».

Na competição internacional, que inclui dois documentários portugueses – *Olhar por Dentro*, de Christine Reeh, e *No Jardim do Mundo*, de Maya Rosa –, serão premiadas uma curta e uma longa-metragem (3000 e 5000 euros, respectivamente). Vão também ser atribuídos, por outro júri, os Prémios Tóbis (3000 euros para o melhor documentário português) e Primeiras Obras (no valor de 3500 euros).

Ana Isabel Strindberg salientou a componente pedagógica do evento pela atribuição de um prémio (apenas nominal) para melhor documentário, por um júri composto por cinco alunos da Escola Secundária D. Filipa de Lencastre (Lisboa) e cinco representantes das universidades Nova de Lisboa e Lusófona, Escola Superior de Teatro e Cinema, IADE e Restart.